

O conceito de resistência presente no conto *Anaconda* (2011), de Horácio Quiroga: uma análise da literatura latina sob o viés do pós-colonialismo

El concepto de resistencia presente en el cuento Anaconda (2011), de Horácio Quiroga: una análisis de la literatura latina bajo el sesgo del postcolonialismo

Geovani Augusto Nunes¹

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de discutir o conceito de resistência sob o viés da crítica pós-colonial, para tanto, foi utilizado como objeto de análise o conto *Anaconda*, do escritor uruguaio Horácio Quiroga. Discutiremos também, o conceito de América Latina. Utilizou-se como aporte teórico os estudos de Bonnici (2013), no que diz respeito ao pós-colonialismo; Gonçalves & Bonnici (2005), nas discussões sobre resistência; Spivak (1985), sobre outremização e Fleck (2009) no que diz respeito à latino-americanidade.

Palavras-chave: Resistência; Literatura Latino-Americana; *Anaconda*.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo discutir el concepto de resistencia bajo el sesgo de la crítica postcolonial, para esto, fue utilizado como objeto de análisis el cuento *Anaconda*, del escritor uruguayo Horacio Quiroga. También discutiremos el concepto de América Latina. Usamos para eso los estudios de Bonnici (2013), como contribución teórica con respecto al poscolonialismo; Gonçalves & Bonnici (2005), en las discusiones sobre la resistencia; Spivak (1985), sobre la otherización y Fleck (2009) con respecto a la latinoamericanidad.

Palabras clave: Resistencia; Literatura Latinoamericana; *Anaconda*.

1. Introdução

A literatura pós-colonial tem suas raízes a partir do contato entre o colonizador e o colonizado. Nas palavras de Bonnici, essa literatura se configura como “toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre os séculos 15 e 21” (BONNICI, 2012, p. 19). Entendemos por colonizados, os povos que tiveram suas vidas transformadas em relação à vontade de outro grupo, como por exemplo os índios e os negros que foram escravizados e considerados inferiores pelos europeus que se consideravam superiores.

A teoria pós-colonial surge nos anos 1970 e tem como objetivo estudar as influências que a relação entre colonizador e colonizado têm sobre a forma como os sujeitos que hoje são descendentes do povo colonizado - negros, índios - se veem enquanto sujeitos na atual

¹ Mestrando em estudos literários; Universidade Estadual de Maringá (UEM); Maringá, PR, Brasil; geo_vaninunes@hotmail.com

sociedade que, por sua vez, ainda carrega resquícios das relações hierárquicas raciais e de gênero do passado.

Além disso, Bonnici afirma que “a crítica pós-colonial se preocupa com a preservação e documentação da literatura produzida pelos povos degradados como ‘selvagens’, ‘primitivos’ e ‘incultos’ pelo imperialismo” (BONNICI, 2012, p. 21, grifos do autor). A crítica pós-colonialista também analisa como os sujeitos colonizados faziam para expor suas ideias, além de verificar como eles utilizavam a literatura como uma forma de fazer-se ouvir sua voz que sempre fora silenciada em seu contexto diário e também como uma forma de resistência.

Segundo os Autores Paradiso e Bonnici (2013), para que determinado grupo social seja superior, é necessário que haja ‘outro’ grupo inferior, o qual o superior dominará, esse processo é chamado de outremização, termo que é criado por Gayatri Spivak (1985). Esse processo acontece entre a relação estabelecida por colonizador e colonizado, o sujeito europeu é ‘Outro’, com inicial maiúscula, enquanto o sujeito colonial é o ‘outro’ com inicial minúscula.

Nos estudos pós-coloniais, é importante mencionar que também podemos nos referir a esses dois grupos opostos como sujeito e objeto, pois o colonizador explora o colonizado, invade suas terras, desloca-os para onde julgar conveniente e descarta quando não achar mais “útil” para si, tal qual objetos.

Diante dessas questões, a literatura pós-colonial tem um papel bastante importante, pois ela vai analisar essas relações entre colonizadores e colonizados de maneira a tentar dar voz ao povo que tem sofrido em decorrência desse passado de dominação. Ela visa libertar, dar voz aos sujeitos que sempre tiveram suas vozes silenciadas pela opressão dos povos dominantes, mostrar que o sujeito pós-colonial pode lutar para exercer seus direitos.

2. Breve Análise sobre resistência no conto *Anaconda* (2011).

Segundo os autores Gonçalves e Bonnici (2005) o tema da resistência é bastante recorrente em textos pós-coloniais, visto que aparece na maior parte dos escritos pós-coloniais e evidencia, além do revide do colonizado, a imprecisão e a fragmentação do opressor na figura do colonizador. Desse modo, essa resistência vai ficando cada vez mais evidente à medida em que os sujeitos colonizados vão se distanciando dos colonizadores e sua literatura fica, conseqüentemente, independente em relação à literatura europeia, que era a literatura do grupo dominante, assim, livres, podiam fazer ouvir suas vozes sempre, e mais, demonstrar, com isso, uma agência e resistência à opressão sofrida.

Outro conceito que é importante abordarmos é a definição de “América Latina”, pois o conto que analisaremos é de um escritor uruguaio, por isso, vê-se importante contextualizarmos esse contexto brevemente. Esse termo, passou a ser empregado, em homenagem a Américo Vespúcio, que, foi um mercador e navegador italiano que demonstrou que o Brasil e as Índias Ocidentais não representavam regiões periféricas do leste da Ásia, como inicialmente pensou Colombo, mas massas de terra totalmente separadas e até então desconhecidas

A chegada de Cristóvão Colombo na América, por sua vez, é um marco bastante importante para se discutir a latinidade, pois esse continente era desconhecido até então (para os europeus), o que aconteceu, em princípio, foi que a América era descrita pelos espanhóis como sendo a Ásia, pois eles imaginavam que chegariam no continente asiático.

Esta visão, como vimos acima, foi “corrigida” por Vespúcio. E por esse conhecimento científico reduzido levar a equívocos, temos algo que é conhecido como realismo mágico, isto é, quando há uma transfiguração da realidade, nessas descrições fantasiosas e Colombo faz uso desse recurso.

Depois de discutirmos sobre essas questões, vamos ao conto que analisaremos. Acreditamos necessário falar brevemente sobre o autor do conto Horacio Silvestre Quiroga Forteza², que é pouco conhecido no Brasil, ele foi um escritor uruguaio bastante conhecido por seus contos, que em geral abordam de eventos fantásticos e tópicos, temática parecida a do escritor americano Edgar Allan Poe, além de também fazer referência à temas relacionados à selva, principalmente da região de Misiones, na Argentina, onde o autor morou por um período. Sua vida foi deveras conturbada, diversos eventos contribuíram para isso, como por exemplo a morte do pai na época que ele tinha apenas 4 anos, o suicídio de seu padrasto, o fato de ele ter matado o melhor amigo acidentalmente com um tiro, o suicídio da esposa e em 1937, após de descobrir que tinha câncer, Quiroga cometeu suicídio, ingerindo cianureto.

A obra mais famosa dele são os *Cuentos de amor de locura y de muerte* (1917) É no seu livro intitulado *Anaconda y otros cuentos* (1921) que se encontra o conto que analisaremos.

Dentre as inúmeras possibilidades de interpretação que um texto permite, podemos escolher a que mais se encaixa com o que queremos falar. O conto que escolhemos para nossa análise é um conto fantástico, pois apresenta elementos representativos desse tipo de literatura. O Conto *Anaconda*, tem como personagens, víboras e cobras que falam e se comportam como humanos em sociedade e podem, dessa forma, representar a nossa sociedade. Ao analisar a relação dessas cobras, optamos por analisar a questão da colonização e da resistência desses sujeitos à presença do homem.

Esse conto descreve a história de algumas víboras que viviam próximas a uma casa abandonada, que depois de certo dia passou a dar indícios de que havia homens morando por lá. A primeira parte desse conto descreve a cobra Lanceolada, e o encontro dela com o homem, ela se preocupou com a presença do homem na casa, pois ela sabia que a presença do homem era sinônimo de destruição e devastação. A segunda parte do conto fala que as víboras pretendem fazer uma reunião com as outras colegas cobras para poder decidir o que elas farão com os invasores

Uma das víboras começou a sessão e por essa fala podemos entender que a resistência está presente na fala das cobras, pois elas não aceitam se submeter à opressão do homem e, invés de sair para longe da confusão, elas decidem lutar e enfrentar o homem com as armas que possuem. Nem todas compartilhavam da opinião de juntar-se com as cobras sem venenos, mas acabam cedendo, pois precisariam delas para poder espiar a rotina dos homens visto que circular entre os homens durante o dia e voltar sem ser mortas é a especialidade das cobras.

A preocupação das personagens era razoável, pois na parte V do conto, é descrito qual a finalidade da casa para os homens: A casa era um instituto de soroterapia ofídica, isto é, eles prendiam as víboras e extraíam delas o veneno para a manipulação de soro antiofídico, em comparação, podemos dizer que é a relação entre o colonizador e o colonizado, isto é, um grupo que se reconhece como superior explora as terras de um grupo que entendem como inferior, neste conto representados pelas figuras do homem e as cobras. Embora uma delas considerou que o destino das cobras que fossem presas seria uma boa opção, logo percebemos que elas não aceitariam ser exploradas:

La asamblea quedó estupefacta. Ñacaní había explicado muy bien el fin de esta recolección de veneno; pero lo que no había explicado eran los medios para llegar a obtener el suero.

² As informações biográficas desse autor foram retiradas do site Wikipédia.

¡Un suero antivenenoso! Es decir, la curación asegurada, la inmunización de hombres y animales contra la mordedura; la Familia entera condenada a perecer de hambre en plena selva natal (QUIROGA, 2011, p. 35-36).

Como podemos perceber, o que parecia apenas algo simples sem maiores consequências, poderia se tornar algo extremamente negativo para as cobras, pois se os animais forem imunes ao veneno das víboras, elas não terão como conseguir seu alimento e consequentemente morreriam. Assim, a resistência é necessária para que as cobras possam garantir o direito a suas terras.

O conto finaliza com as cobras indo ao confronto para atacar os cavalos que eram os responsáveis por fazer o soro antiofídico, visto que quando o veneno é injetado no cavalo, seu organismo cria anticorpos contra o veneno e o homem utiliza esses anticorpos para fazer o soro. Porém, o resultado não foi positivo para elas. Temos, de fato, na literatura, exemplos de textos em que a resistência do sujeito nem sempre termina como esperado por ele. Um dos exemplos mais conhecidos, para citar apenas um, é o da personagem escrava Bertoleza do romance *O cortiço*, que quando se viu sem saída, prestes a ser recapturada pelo seu senhor, reagiu tirando a própria vida. Porém, o que se deve considerar é que o importante é que a literatura evidenciou que os sujeitos não foram complacentes diante de sua situação mesmo quando a situação não era favorável para eles. Segundo Gonçalves e Bonnici,

Parece evidente que, se não fosse a resistência através da violência, provavelmente a escravidão teria terminado muito mais tarde e muitas colônias na América, na Ásia e na África ainda estariam sob o regime colonial (Canêdo, 1985). A releitura da literatura pós-colonial mostra cenas de resistência a partir de *Os Lusíadas* e *A tempestade*, dos séculos 16 e 17, até os romances mais recentes, como *Higher Ground*, do caribenho Caryl Phillips, publicado em 1989, e *Purple Hibiscus*, da nigeriana Chimamanda Adiche, publicado em 2003. (GONÇALVES; BONNICI, 2005, p. 09-10)

Mesmo que recentemente a resistência por meio da violência tenha sido substituída por recursos como a paródia, mímica e ironia, há de se reconhecer que a resistência física teve seu papel na libertação de um povo outrora oprimido.

Referências

BONNICI, Thomas. *Aspectos da teoria pós-colonial*. In: Bonnici, T. O pós-Colonialismo e a literatura: estratégias de leitura. – 2ª Ed. – Maringá: Eduem, 2012, p.17-53.

FLECK, Gilmei Francisco. *Latino-americanidade: um conceito em construção*. In: SILVA, Marciano Lopes e (Org.). *Linguagens em interação I: Literatura, história e sociedade*. – 22ª Ed. – Maringá: Clichetec, 2009, p. 27-51.

GONÇALVES, Ângela Aparecida; BONNICI, Thomas. O conceito de resistência em três textos da literatura brasileira à luz da teoria pós-colonial. *Acta Sci. Human Soc. Sci.*, Maringá, v. 27, n. 2, p. 151-161, jul. 2005.

PARADISO, Silvio Ruiz; BONNICI, Thomas. *Objetificação e outremização em Is there nowhere else where we can meet? de Nadine Gordimer*. Revista: Acta Scientiarum. Language and Culture. Maringá, v. 35, n. 1, p. 17-24, jan. Mar., 2013.

QUIROGA, Horácio. *Anaconda y otros cuentos*. Libro al viento eBook: ELIBROS EDITORIAL: Bogotá, out. 2011